

A fotografia e as fabulações no projeto curatorial da exposição INTER-DITO

SANDRA REY

■ 292

Sandra Rey é artista plástica, desenvolve produção artística a partir de pesquisas em fotografia. Expõe, publica artigos sobre questões referentes à pesquisa em Artes Visuais e escritos de artista. Professora Titular do Departamento de Artes Visuais, Docente Permanente do Programa de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora no CNPq.

▪ RESUMO

O artigo aborda a organização do projeto INTER | DITO no contexto do Grupo de Pesquisa Processos Híbridos na Arte Contemporânea e, nesse contexto, apresenta as proposições conceituais da curadoria das obras que compõem a exposição apresentada no MUnA (Museu Universitário de Arte / UFU).

O Grupo é formado por artistas-pesquisadores com trajetória distintas e artistas-pesquisadores em formação (doutorado, mestrado e graduação) que investigam possibilidades de desdobramentos da imagem através de pesquisas envolvendo cruzamentos entre procedimentos da fotografia, vídeo, pintura, gravura, desenho, performance e processos digitais. As investigações articulam ações, procedimentos técnicos e conceitos, associando experiência estética com a reflexão teórica.

A fotografia, base do projeto curatorial, faz parte tanto dos processos como das obras acabadas; é trabalhada tanto no que diz respeito à vocação documental do dispositivo quanto a processos que envolvem seus descaminhos em desdobramentos ficcionais. Naquilo que a fotografia capta do real pensamos INTER | DITO como intersecção e nessa cissura, a possibilidade de fabulação.

▪ PALAVRAS-CHAVE

Inter-dito, processos híbridos, fotografia, documento, fabulação.

▪ ABSTRACT

The article deals about the organization of the INTER | DITO project in the context of Hybrid Processes Research Group on Contemporary Art and presents the conceptual proposition of the works that comprise the exhibition presented in MUnA (Museu Universitário de Arte / UFU).

The Group is made up of artists-researchers with different trajectories and artists-researchers in training (doctorate, master's and undergraduate) investigating unfolding possibilities of image through research involving crosses between procedures on photography, video, painting, printmaking, drawing, performance and digital processes. The investigations join actions, procedural techniques and concepts, combining aesthetic experience and theoretical reflection.

The photography, curatorial base of the project, is part of the procedures and the finished works. The photography is worked as well as a document of the real, as well as a process involving its wanderings in fictional developments. What the photography captures the real we thought INTER | DITO as a intersection and in this fissure, the possibility of produce fable.

▪ KEY-WORDS

Interdict, hybrid processes, photography, document, fable.

Contexto: Grupo de Pesquisas *Processos Híbridos na Arte Contemporânea*

A proposta curatorial da exposição INTER | DITO surgiu do desejo do *Grupo de Pesquisa Processos Híbridos na Arte Contemporânea* em dar continuidade aos intercâmbios e trocas entre os artistas-pesquisadores, atualmente conta com 23 participantes e, em 2015, completa 10 anos de existência.



Figura 1- Vista da exposição - *Transitory Places* de Laura Ribero Rueda – Foto de Karina Sousa, 2015.

O Grupo de Pesquisa *Processos Híbridos na Arte Contemporânea* delimita seu escopo na promoção de aproximações entre arte e pesquisa através de investigações sobre possibilidades de cruzamentos e agenciamentos diversos que abrangem desde ações, performances, obras bidimensionais, instalações, livros de artista. Os processos são transversais e envolvem pesquisas de cruzamentos entre fotografia, vídeo, pintura, gravura, desenho e processos digitais que contribuem para o desenvolvimento e consolidação das produções artísticas individuais. O grupo reúne pesquisas de procedimentos híbridos na arte contemporânea levando em conta suas implicações operacionais e conceituais através de cruzamentos, pensando possibilidades de articulação da experiência estética com reflexão teórica e concebendo o produto final numa perspectiva da arte contemporânea e da história da arte.

O conjunto de projetos circunscrevem a criação e o estudo de processos criativos por associações de diversas operações que envolvem desde pesquisas sobre dispositivos de captação e criação de imagens através de diversos procedimentos e técnicas, pesquisas de materiais, e o desenvolvimento de ações para a realização de projetos artísticos. Incluem investigações a partir de imagens provenientes de diversas mídias e articulações com palavras, sons e movimentos fazendo uso de tecnologias contemporâneas.

295 ■

As operações envolvem ressignificações através de procedimentos de sobreposição, justaposição, incrustação, inclusão, repetição e deslocamentos. Abrangem experimentações com materiais não convencionais para repensar ou distender as categorias tradicionais da arte.

Os projetos consideram o *processo* como encadeamento de ações que abrangem desde a concepção da ideia até o modo de apresentação e meios de circulação das propostas de arte. Nesse sentido, a pesquisa de projeções e materialização de imagens para o desenvolvimento de propostas de intervenções, instalações e objetos são parte integrante dos projetos de pesquisa para resolver problemas colocados por uma proposta poética na área de artes visuais.

As pesquisas individuais no grupo de artistas-pesquisadores são orientadas conforme o princípio de operações não normativas que conduzem investigações sobre procedimentos abertos que buscam soluções conceituais, formais, vivenciais e de construção ou deslocamentos de significados.

O Grupo constitui-se, portanto, como um espaço de criação e de reflexão no âmbito das artes visuais visando a produção de proposições artísticas instauradas a partir de cruzamentos operatórios entre diferentes procedimentos e registros, assim como a produção de conhecimento teórico no campo das artes visuais. Foi registrado na base de GP de CNPq em



Figura 2 - Vista da exposição. *Paisagens enclausuradas* de Lurdi Blauth. Foto de Karina Sousa, 2015



297 ■

Figura 3- Vista da exposição. *No jardim de Monet* de Sandra Rey. Foto de Karina Sousa, 2015

2005 e tem uma configuração dinâmica formada por artistas-pesquisadores e estudantes de pós-graduação e de graduação.

Entendendo que a arte encontra seu pleno desenvolvimento e florescimento na relação com o outro, os integrantes do Grupo atuam na contracorrente da ideia do artista isolado em seu ateliê. Valorizamos a autonomia e a liberdade — condições primeiras para a atividade criadora — e também as trocas e ajuda mútua e podemos dizer que gostamos de “estar juntos” através dos projetos coletivos que envolvem exposições, seminários e as publicações que promovemos visando aprofundar nossas pesquisas e inseri-las nos circuitos da arte.

Projeto INTER|DITO

A investigação de limites entre os regimes de visibilidade e suas integrações, distensões, e idiosincrasias, é o pensamento que reúne a diversidade de processos e resultados apresentados na mostra e organiza as propostas na exposição INTER | DITO.

■ 298

A fotografia, base do projeto curatorial, faz parte tanto dos processos como das obras acabadas; é trabalhada tanto no que diz respeito à vocação documental do dispositivo quanto a processos que envolvem seus descaminhos em desdobramentos ficcionais. Naquilo que a fotografia capta do real pensamos INTER | DITO como intersecção e nessa cissura, a possibilidade de fabulação.

A concepção do projeto partiu da constatação de se ter ainda fortemente arraigado em nosso pensamento a cultura de crer naquilo que a fotografia oferece como “verdade”. A proposta do projeto é admitir a fissura e dar vazão ao transbordamento — isso porque se entende que a arte de modo geral e a fotografia, muito particularmente, permitem distender os limites do visível. Na linha tênue entre o *isso foi*¹, e o *isso pode ser*², situamos a proposta do projeto que orienta a exposição INTER | DITO.

O projeto INTER | DITO apresentado no MUnA teve longo tempo de gestação, a ideia surgiu em 2013, por ocasião do projeto de professor visitante da artista Eliane Chiron, em Porto Alegre. Numa reunião do grupo, o projeto foi inicialmente lançado através da proposta de Niura Borges em oferecer o espaço da galeria para uma exposição coletiva do grupo.

¹ BARTHES, R. A Câmara Clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

² REY, Sandra. "Cruzamentos entre o real e o (im)possível: transversalidades entre o "isso foi" da fotografia de base química e o "isso pode ser" da imagem numérica". Artigo publicado no Dossiê "Fotografia/Arte Contemporânea" da Revista Porto Arte 22. Porto Arte (UFRGS), Porto Alegre, v. V.13, n.22, p. 37-48, 2005.

Começamos então a pensar sobre o conceito da exposição e a palavra *interdito* surgiu de uma conversa da Lurdi Blauth com a Elaine Tedesco e Eliane Chiron na Fundação Iberê Camargo. Quando compartilhada no Grupo a potência do conceito, nos processos híbridos desenvolvidos, foi imediatamente percebida pelas possibilidades de desdobramento da palavra: inter (entre, meio) dito (o que pode ser dito, o que está colocado numa proposta artística) interdito (interdição, proibição)...

Adotou-se, então, o neologismo *inter-dito* de forma concensual por todos integrantes como um desafio em investigar as possibilidades de desdobramento do conceito, — aparentemente unificador — tendo em vista a diversidade de meios e processos desenvolvidos no Grupo.

Nossa ideia foi colocar o conceito em trabalho de maneira aberta, em relação às trajetórias individuais. Cada artista abordou livremente o conceito dentro dos problemas, questões e procedimentos que norteiam suas pesquisas. Se buscou ativar singularidades e desenvolver linhas de pensamentos plurais no sentido de desequilibrar fronteiras fixas entre imagem, ficção e realidade.

Os recursos da fotografia foram explorados tanto como dispositivo, quanto como processo, e como finalização e materialização de imagens. Buscou-se experimentar a potência da fotografia como imaginação e expressão de sentidos imersos e deslizantes em relação à vocação documental do dispositivo fotográfico.

299 ■

Projeto Curatorial

Os artistas do grupo que integram a exposição são Bruno Borne, Beatriz Rauscher, Celeste Almeida, Claudia Hamerski, Elaine Tedesco, Eliane Chiron, Elizabeth Rocha, Fernanda Valadares, Fernando Bakos, Johanna Garavito, Karine Gomes Perez, Laura Ribero, Lurdi Blauth, Peter Gossweiller, Ricardo Cristofaro, Sandra Rey, Shirley Paes Leme.

As duas exposições do projeto tiveram curadorias compartilhadas³. Em Porto Alegre a curadoria foi compartilhada com a Niura Borges e em Uberlândia foi compartilhada com a Beatriz Rauscher que também foi a responsável pela reunião dos dados e formatação do projeto para o edital do MUnA.

Como as curadorias são organizadas no Grupo? O trabalho curatorial no interior de um grupo de pesquisas, pensamos, se dá de maneira distinta das grandes mostras midiáticas. No

³ Homepage do projeto INTER | DITO. <http://www.processoshibridos.org/>

GP Processos Híbridos a curadoria acontece no exercício do compartilhamento, incentivo, e trocas de ideias na busca de soluções e para situar teoricamente os conceitos propostos, projetar a expografia, escrever textos e, claro, envolve a coordenação da logística das ações.

As exposições que organizamos causam grande mobilização entre todos participantes. A uma volumosa troca de e-mails segue-se uma organização trabalhosa tendo em vista a complexidade de algumas produções, transporte das obras, deslocamentos para a montagem, devido ao fato de parte dos participantes do grupo encontrarem-se espalhados no Brasil e contarmos com uma participante que reside e trabalha na França.



■ 300

Figura 4- Vista da exposição. *Inter-dit-de-voir-et-de-lire*, vídeo de Éliane Chiron. Foto de Karina Sousa.

Então, resumindo essa introdução, a mostra INTER | DITO apresentada em Porto Alegre e Uberlândia concretiza mais um projeto do grupo, apresentando resultados de pesquisas recentes em torno de um conjunto de propostas elaboradas a partir da motivação coletiva em colocar em trabalho o neologismo INTER | DITO.

Conceito

Múltiplos foram os processos desencadeados a partir do conceito que dá título à exposição: *interdito*.

Frequentemente, o que define o processo na arte contemporânea não é o tema, nem o conteúdo, mas o conceito. Os artistas plásticos e visuais, porém, trabalham os conceitos

diferentemente dos filósofos e dos profissionais de outras áreas das ciências humanas. É que a arte tem a sua forma própria de raciocinar e nos processos visuais, ao colocar um conceito *em trabalho*, paradoxalmente, os artistas são trabalhados por eles.

Examinemos então o conceito como propulsor dos processos criativos que resultaram nas obras mostradas na exposição.



301 ■

Figura 5- Vista da exposição. *Prelúdio Im-pares* de Celeste Almeida. Foto de Karina Sousa, 2015

O sentido comum do termo *interdito* (do lat. *Interdictus*) diz de um *impedimento* a uma ação latente. Por si só, sabemos, impedimentos representam um campo fértil na arte contemporânea. Do ponto de vista conceitual esse potencial *impedimento* sobre algo que é iminente, dirá de uma proibição tanto quanto de uma reação. Reagir a uma interdição pode constituir como ato subversivo, envolvendo não-consentimento e não-submissão. Pensamos que do ponto de vista da arte, mais importante do que produzir obras é “colocar em obra” formas de pensamentos suscetíveis de atualizar *outras racionalidades*, outras formas de pensar. Então, por si só, os impedimentos — as interdições — sejam da ordem que forem, constituem desafios e talvez por isso o Grupo abarcou o conceito sem restrições.

No campo semântico da palavra encontramos a ideia de suspensões punitivas, tabu, mas, também, a passagem interrompida. Uma boa imagem, talvez, para situar uma das possibilidades do conceito, seria a cancela. A cancela como barreira, algo que se interpõe no caminho que seguimos. Essa imagem parece forte no sentido de dizer um pouco da capacidade de resiliência que o artista-pesquisador deve ser dotado para atuar no campo da arte, hoje.

Mas também encontramos que interdito pode dizer do impedimento ou suspensão do olhar. Logo vem a mente a tarja preta colocada, por exemplo, em certas imagens que expõem áreas proibida ao olhar. Nesse caso se poderia situar o artista tanto como voyeur, aquele que olha para o que é proibido, ou para o que está escondido, quanto como o sujeito contemplativo, aquele que olha para seu próprio interior. E nessa abordagem o campo semântico da palavra interdito pode conduzir ao estranhamento, ao enigmático, ao simbólico, ao espiritual e ao imaterial.

Mas se considerou, ainda, uma outra possibilidade: o desmembramento gráfico em dois termos inter-dito. Esse desmembramento possibilita agenciar a palavra como potência, isto é, introduz a possibilidade de operar no entre, pensar o meio como ponto zero, atuar entre o que se quer dizer e o que “acontece” no processo de instauração do trabalho de arte. Revela a intenção de operar na borda entre o que se sabe e o que não conhece ainda. Palavras e imagens, conceitos e formas se aproximam para construir e desconstruir significados que se introduzem, justamente, nesse espaço entre.

■ 302

Inter, entre, se interpõe ao que está Dito, o que se apresenta. Sabemos, a arte encontra força nas contradições...

E nesse caso não se trata mais de impedimento mas de levar em conta a abertura semântica entre propostas que se trabalha intencionalmente, conceitos e procedimentos e o que “acontece” durante o processo de criação. A trinca, fissura, que se introduz entre o que se pretende abordar e o que interpõe durante a instauração do trabalho artístico. Levar em conta a possibilidade de tirar partido do que se esgueira entre o conceito e a imagem, admitir o que se introduz por obstáculo, ou como dificuldade, integrando o (in)dizível e o (in)audível.

Admite-se dar vazão ao transbordamento — isso porque se entende que a arte permite distender os limites do visível e a imagem não é sua exclusividade. Consideramos a possibilidade de haver visibilidade em sons, palavras, gestos e movimentos e, até mesmo, a possibilidade de haver visibilidade que não faz imagem. Daí encontrarmos ressonâncias na assertiva de Deleuze segundo a qual a fabulação é essa estranha faculdade que põe em contato imediato o fora e o dentro .



303 ■

Figura 6- Vista da exposição. *Incognito*, vídeo de Beatriz Rauscher. Foto de Karina Sousa, 2015

Atuar na dobra do real e da ficção, entre a vocação documental da fotografia e as possibilidades de agenciamentos da imagem em processos que supõem deslocamentos, falhas, desdimensionamentos e omissões, operar na tênue linha entre a representação de realidades e fabulações, impulsiona a fabricação do sensível a fim de nele habitarmos.

■ 304

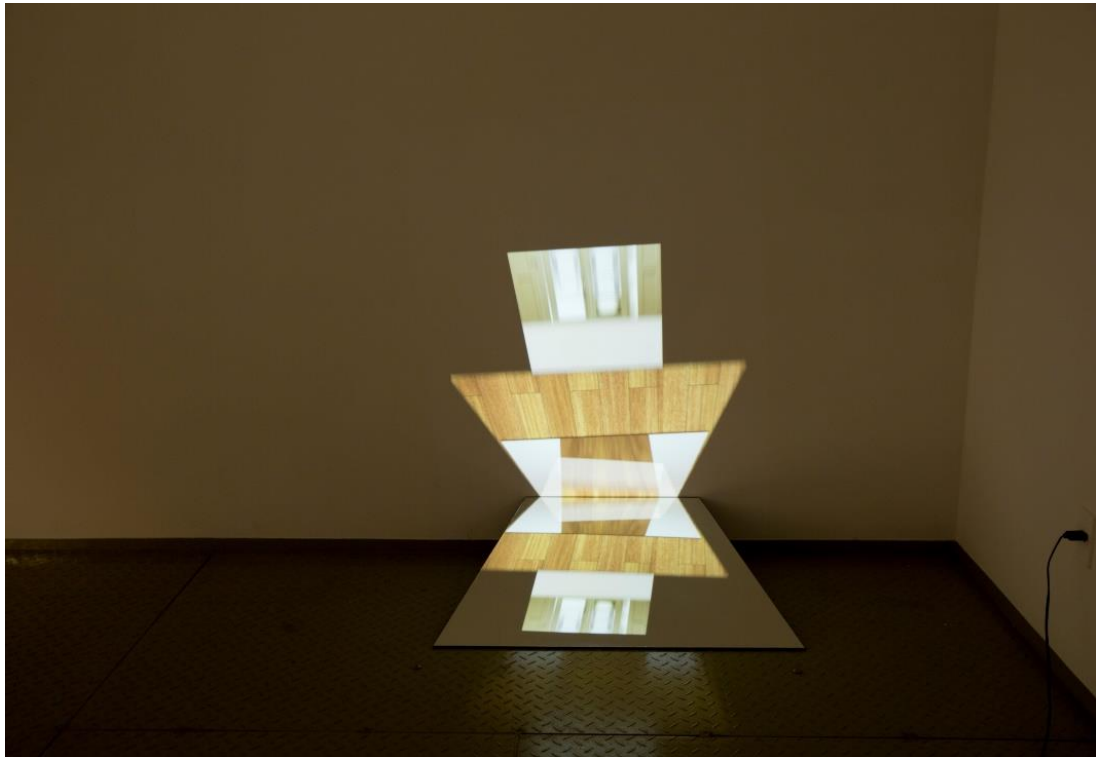


Figura 7- Vista da exposição. *Sem título*, animação digital de Bruno Borne. Foto de Karina Sousa, 2015

Efetuar deslizamentos entre o isso foi e o isso pode ser...

Naquilo que a fotografia capta do real pensamos INTER | DITO como cissura e, nas fissuras, a possibilidade de fabulação que emerge da uma relação disjuntiva entre o enunciado e o visível.

Experimentamos, portanto, explorar a fotografia como um dispositivo de experimentação contrário à imagem dogmática que pretende que o pensamento seja um exercício da vontade, à contracorrente da sua potência de verossimilhança e de seu estatuto de “verdade” documental, sujeita a sentidos translúcidos, a dados estabelecidos. Nossas

“fabulações” foram orientadas pela vontade de captar percepções imersas e continuamente deslizando que pulsassem na multiplicidade e na abertura aos sentidos que não se deixam fixar. O que buscamos com as propostas que reunimos na exposição INTER | DITO é descobrir, entrever, enunciados poéticos para além do visível.



305 ■

Figura 8 - Vista da exposição. *Faux terrain* de Ricardo de Cristofaro e *TRANSposição* de Johanna Garavito (fundo) Foto de Karina Sousa, 2015

Obras

As obras materializam de distintas maneiras o conceito articulado a questões formais e técnicas envolvidas no processo e trajetória de cada artista.

Diante da multiplicidade das propostas a singularidade das obras aqui apresentadas emerge de um fundo comum: a relação arte-vida. Cada obra resulta de processos subjetivos e interpretações singulares de situações vividas. O real é nossa matéria prima na construções das fábulas que queremos compartilhar.

Para Deleuze, a fabulação nos remete às ideias de potência e força de criação no desaparecimento da distinção entre o verdadeiro e o falso. É importante notar que, nos

processos de fabulação, conceitos como verdade e mentira entram em suspensão. Suspender qualquer conotação de verdade ou mentira é muito produtivo nos processos artísticos individuais que desenvolvemos e em nossa identidade enquanto “grupo”. A força de nosso trabalho e os elos que nos unem no grupo de Pesquisa *Processos Híbridos na Arte Contemporânea* não se constrói em torno de nenhuma verdade a ser provada ou comprovada. Ela se constrói e se fortalece na instauração de um *devir*. O que se mostra, o que se apresenta, tem ligação direta com algo vivido, existente, localizável – espacial e temporalmente, em cada uma das obras apresentadas. A fabulação rompe a nossa suposta relação verídica com a vida ao se inserir no sistema produtor de imagens. O que interessam são as potências e as possibilidades de vir a ser.

■ 306



Figura 9- Vista da exposição. *TRASposição* de Johanna Garavito e *Banho de Luz* de Karine Peres. Foto de Karina Sousa, 2015.

INTER | DITO busca pontuar, portanto, o deslocamento de um tempo cronológico e suas amarras, para as ucronias e heterotopias pontuadas pela instauração de devires. O ponto de cruzamento do heterogêneo que permeia a exposição é o que se pode extrair desse fabular

como zona de vizinhança, de indiscernível ou de indiferenciação que atravessa as formas do vivido.



307 ■

Figura 10- Vista da exposição. Foto de Karina Sousa, 2015.

Referências

BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DELEUZE, G. *Conversações 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

REY, Sandra "Cruzamentos entre o real e o (im)possível: transversalidades entre o "isso foi" da fotografia de base química e o "isso pode ser" da imagem numérica". Artigo publicado no Dossiê "Fotografia/Arte Contemporânea" da Revista Porto Arte 22. Porto Arte (UFRGS), Porto Alegre, v. V.13, n.22, p. 37-48, 2005.